NO TEXT ON PAGE

This page does not contain any text recoverable by the OCR engine.

*/..… e% <//amor/o/

za | }_>/e/aco & Queiro; º%óctro @ Oe óctomavor %2//me/3a º e/%Jconce/@y

§ R (oun/ o/ Jan/a du/a/aa @

se%/n 03 Scoon Zalor 27 g//e(/aero/go6|

NO TEXT ON PAGE

This page does not contain any text recoverable by the OCR engine.

NO TEXT ON PAGE

This page does not contain any text recoverable by the OCR engine.

" …

NOÇÕES PARTICULARES.

NO TEXT ON PAGE

This page does not contain any text recoverable by the OCR engine.

* t \ | | | | " |

NOÇÕES PARTICULARES

PARA A

HISTORIA DA EMIGRAÇAÕ PORTUGUEZA;

OU

PoLITICA, ADMINISTRAÇAÕ, E DIPLOMACIA,

DOS

PRINCIPAES AGENTES DOS NEGOCIOs DE PORTUGAL

FAVOR DO IMPERADOR DO BRAZIL,

L O ND R E S :

v EN DE-sE NAs LoJAs DE T. MUDIE, 15, cov ENTR Y-sTREET, HAY MARKET ; E DE S PRAT, 137, ToTTENHAM-Cou RT-RoAD.

1830.

l+ARVARD COLLECE 1-15 * * * * FROM THE – CT", "Y CF FERNANDO FALHA DECEMBER3, 1928

A D V E R T E N C I A.

Os actos contradictorios do Imperador do Brazil a respeito de Portugal, e os dos homens, que se achaõ ainda á testa dos negocios dos Portuguezes Emigrados na Europa, tem sido tantos, taõ repetidos, e taõ publicos, que nos dispensariamos de os colligir, se naõ fossemos im pellidos, pelo abandono em que se achaõ os nossos com patriotas, a patentear ao mundo hum resumo dos mesmos actos. O mundo fará justiça ao sofrimento dos Emi grados, e conhecerá que as pessoas, que tem dirigido os seus negocios, naõ saõ por certo esses grandes homens de estado, que alguns aduladores, e serviz, ou por de pendencia, ou lisonja, tanto se tem afadigado em apre

goar como taes.

Naõ hé o odio, nem a vingança que nos moveraõ a escrever, e publicar pela imprensa humas poucas de linhas á cerca do Imperador do Brazil, e dos seus cha

mados agentes em Inglaterra; hé o desprezo para com

os Portuguezes Emigrados, a pár de muitos erros, e de muita maldade, dos que tem a seu cargo a direcçaõ dos negocios dos mesmos Emigrados, que nos obriga a rom per o silencio, que áliás quizeramos guardar, sobre as seguintes noções, que podem servir para a Historia da

Emigraçaõ Portugueza.

Diremos por ultimo, que no estado em que nos acha mos devemos considerar-nos no meio deste dilemma ou voltamos a Portugal, ou naõ:—se voltamos, cumpre que naõ continuem a infelicitar-nos aquelles, que por • / • • ineptos, e perversos até agora o tem feito:—se naõ vol tamos, fique a conducta dos mesmos como liçaõ aos nos

sos vindouros.

INDICE DOS ARTIGOS.

Dos poderes concedidos a hum Brazileiro, qual o Marquez de Barbacena, para tratar com o Governo da Gran Bretanha sobre os

negocios de Portugal; e da conducta deste agente em Londres.

Do governo da Rainha menor a Senhora D. Maria da Gloria; e da regencia em nome de D. Pedro IV., em Inglaterra; e da outra re

gencia creada pelo Decreto de 15 de Junho de 1829.

Da Deputação que foi ao Rio de Janeiro pedir providencias ao

Imperador do Brazil sobre as cousas de Portugal. Da sahida dos Portuguezes Emigrados para o Brazil.

Da missaõ do Marquez de Palma á Europa, e da deliberaçaó que

tomou nesta occasiaô o Marquez de Barbacena.

Da chegada da Rainha a Senhora D. Maria da Gloria a Inglaterra;

e do seu regresso ao Brazil. Dos actos do Visconde de Itabayana na questaõ de Portugal.

Da conducta politica do Marquez de Palmella, desde 23 de Maio

de 1828, em que se deo por demittido de embaixador de Portugal,

até 27 de Fevereiro do corrente anno, em que sahio para a Ilha

Terceira.

Das acções de Joze Antonio Guerreiro como embaixador de si mesmo, conselheiro por devoçaó, regente por favor de hum amigo

aquem trahio; e ultimamente, como Nero dos Portuguezes Emigrados. Das Letras, e da nova Tabella.

Da administração dos fundos, pertencentes aos dividendos do em

prestimo de Portugal, postos á disposição do Marquez de Palmella. Da actual situação dos Emigrados.

Das passagens mais notaveis de diversas correspondencias sobre o

estado dos negocios dos Portuguezes Emigrados.

Londres, 20 de Maio de 1830.

N.B.—Circunstancias particulares ao author desta obra, o obrigaõ a publicar interpoladamente os artigos della, segundo elle crê mais acertado, e sem attenção á ordem das dattas. Com tudo, como todos elles haõ de vêr a luz do dia, o leitor os poderá depois coordinar se gundo a ordem do indice. •

Cada hum dos ditos artigos, ou mais de hum, segundo a sua exten são, occupará duas folhas de impressão.

NO TEXT ON PAGE

This page does not contain any text recoverable by the OCR engine.

NO TEXT ON PAGE

This page does not contain any text recoverable by the OCR engine.

DOS PODERES CONFERIDOS A HUM BRAZILEIRO,

QUAL

O MARQUEZ DE BARBACENA,

PARA TRATAR COM O GOVERNO DA GRAN BRETANHA SOBRE OS NEGOCIOS DE PORTUGAL;

E DA CONDUCTA DESTE AGENTE EM LONDRES.

O MARQUEz de Barbacena, taõ famoso na guerra, como na paz; em tudo grande por seus feitos militares e politicos, como attestaõ muitas obras impressas no Rio de Janeiro, particular mente a do celebre Bacharel Cardozo, que, sendo mandado escrever por S. Exc. em seu louvor, com o fim de rebater as calumnias de seus detractores, teve S. Exc. de dár-lhe tre zentos mil reis, álem da despeza do papel e da impressaõ, para naõ fazer publica a dita obra, nem taõ pouco mos tra-la a pessoa alguma; e isto depois de ter sido corregida e augmentada por S. Exc., pois que o Bacharel Cardozo naõ se recordava de todas as acções gloriosas do seu heroe, taes como as que o immortalizáraõ na rua de Joaõ Pereira na Bahia, e nas margens do Camacuam e campos de S. Gabriel; obra que por certo faria a fortuna do nosso Cardozo, se lhe fosse permittido publica-la e vende-la; sim, o Marquez de

Barbacena, que nos faz lembrar muitas vezes os antigos Pares de França, e os grandes homens da antiga monarchia Brazileira, de que falla a historia; foi authorisado pelo Imperador, seu amo, para tratar com o Governo Inglez sobre os negocios de Por tugal; porém naõ foi taõ feliz nesta commissaõ como nas de emprestimos e casamentos, por que o Governo Inglez abanou lhe as orelhas, e ficáraõ portanto baldadas todas as suas deli gencias e fadigas, ainda que elle Marquez de Barbacena naõ teve outro trabalho mais do que assignar as Notas que se lhe faziaõ, e de receber as sommas que se lhe entregavaõ para o seu decente tratamento em Londres. Mas o nosso objecto hé mais serio, o nosso objecto naõ hé metter a ridiculo o Marquez de Barbacena, que póde sem duvida ter feito grandissimos serviços ao Imperador do Brazil; que póde sem questaõ ser considerado como hum novo Pitt por sua profunda politica e saber; e por hum General taõ afamado como os da Escola de Marengo, e Austerlitz; que pode sem hesitaçaõ ser reputado como hum dos homens que, por sua elevaçaõ e cathegoria, e por se achar versado nos negocios diplomaticos e politicos das Nações, estava nas circunstancias de entrar em dicussaõ com o Governo da Gran Bretanha sobre assumptos taõ importantes e delicados, como os que dizem respeito ao cumprimento de solemnes Tratados; para isto tudo, e por tudo isto póde ser considerado o Marquez de Barbacena; o nosso fim porém hé outro, o nosso fim reduz-se a lastimarmos o estado de degra daçaõ a que chegamos nós os Portuguezes, que, existindo em Londres huma regencia e hum Embaixador, permittio-se que Felisberto Caldeira, agente das nossas antigas colonias, tratasse

com o Governo Inglez sobre os negocios de Portugal! Naõ o

acredite a posteridade, mas sinta-o, e lamente-o a presente geraçaõ.

Diga-se muito embora que aquella regencia era ilegal, e que por isso naõ podia nem sequer comprimentar o Governo de Inglaterra, quando este passasse por alguma das ruas de Londres, quanto mais tratar com elle sobre as cousas de Por tugal; mas que, a pesar da sua ilegalidade, os seus membros exerciaõ as suas funçcões! Diga-se muito embora que esta re gencia naõ passou de huma farça, em que todos os seus actores fizeraõ hum papel ridiculo e desprezivel aos olhos da Naçaõ Ingleza, e dos Emigrados Portuguezes! Diga-se, em fim, tudo quanto se quizer dizer de huma regencia nulla de facto, e de direito; nulla de facto, por que naõ servia para cousa alguma na situaçaõ em que se achava colocada, e nulla de direito, por ser decretada em nome de quem naõ podia já chamar-se Rei: porem naõ se diga que naõ tinhamos hum Embaixador na Corte de Londres, ou, se o tinhamos, elle era taõ nullo e incompe tente como aquella regencia, por se ter demittido de suas funçcões diplomaticas, e naõ ter sido de novo recebido; que rendo humas vezes acreditar-se com as credenciaes de hum Tutor, outras vezes com os diplomas de huma Rainha menor! Naõ se diga tal; naõ se diga que naõ tinhamos hum Diplomata em Londres, por que a dizer-se avança-se hum absurdo, huma contradiçaõ, em fim huma falsidade, á vista do muito que se tem dito, escripto e publicado sobre a existencia de hum Em baixador Portuguez junto de S. M. Britannica, o qual Em baixador, passando, naõ há ainda muito tempo por Dover, foi

ahi recebido, saudado e salvado como tal, e naõ a Princeza de

Esterhazy, que naõ vinha de calções, nem era Embaixador.

Mas houvesse, ou naõ houvesse Embaixador em Londres; quizesse, ou naõ quizesse o Governo Inglez tratar com elle, naõ vemos que hum Brazileiro fosse a pessoa propria e ade quada para tratar das cousas de Portugal.-“Os negocios correriaõ entaõ á revelia, e hoje estaria tudo perdido"-(diraõ muitos—) porém qual foi o resultado das reclamações do Mar quez de Barbacena, perguntaremos nós? Todo o mundo o sabe; mas o que nem todo o mundo sabe, hé a nullidade do Imperador do Brazil, que nenhuma influencia tem nos Gabi netes Europêos; e que ao tempo em que o seu agente em Londres fazia reclamações ao Governo Inglez, fazia elle no Rio de Janeiro protestações aos Ministros de Inglaterra, e d'Austria, da sua intençaõ de annuir aos conselhos dos seus Alliados no arranjamento dos negocios de Portugal! Em todo o caso porém na falta de hum Embaixador, ou de hum agente Portuguez, ou mesmo de huma regencia legalmente consti tuida, para tratar com o Governo da Gran Bretanha, naõ vemos que hum agente Brazileiro fosse, como já dissémos, a pessoa propria para entrar em taes negociações, nem taõ pouco que da sua falta se seguisse prejuizo algum á causa da Rainha, e muito principalmente achando-se o Governo Inglez disposto, como se achava, a naõ annuir á prestaçaõ dos soccorros que se lhe pediaõ, fundado, bem ou mal, em que nem na letra, nem no espirito dos Tratados feitos com Portugal, ou em outra qualquer Convençaõ, existia obrigaçaõ pela qual a Gran

Bretanha devesse prestar esses soccorros. E se muitas vezes temos visto que o cumprimento de mui claros, e explicitos Tratados só se pede com as armas na maõ, que esperavaõ que

conseguisse na Europa hum agente Brazileiro?

Grande e respeitavel hé por certo a Inglaterra; grande C illustrado o seu Governo; grande tem sido em todos os tem pos a sua influencia e preponderancia no Gabinete de Lisboa, e por ventura deixou algum Portuguez, digno deste nome, de lamentar a pessima politica de se terem dado plenos poderes a Sir Charles Stuart para o arranjo dos negocios do Brazil? Nem hum só Portuguez deixou entaõ de manifestar o seu des gosto por este passo do Governo Portuguez, considerado como ofensivo dos interesses, do decoro e da honra da Naçaõ; mi seria sobre a qual até os proprios papeis de Inglaterra, como o Times, fallaraõ largamente, ponderando de mais a mais, a cir cunstancia de ser Sir Charles Stuart ao mesmo tempo o agente da Potencia Mediadora, que se obrigava a manter o Tratado da separaçaõ, e independencia do Brazil. Ora, se nós os Portuguezessmos démos entaõ por offendidos pela escolha que se fez de Sir Charles Stuart, que naõ era nenhum Felisberto Caldeira, mas hum Ministro de Inglaterra, e que já tinha sido Enviado Extraordinario junto da Regencia de Portugal, e membro d'esta mesma Regencia, para ir tratar, naõ com huma Naçaõ, porém com huma colonia nossa, que se havia revol tado, ou para melhor dizer, para ir tratar com o chefe de hum partido rebelde, e por consequencia com hum inimigo de Portugal, que nenhumas relações conservava na Europa, nem era considerado, ou tido em conta alguma pelas Potencias Es

trangeiras; e que naõ tinha emfim existencia alguma poli tica; com quanta mais razaõ nos devemos dár por offendidos pela nomeaçaõ de hum Brazileiro, que foi daquelle mesmo partido rebelde, para tratar com o Governo de S. M. Britanica sobre o arranjo dos negocios de Portugal? Parece que o pu dor, e a honra desappareceraõ d'entre os Portuguezes! E que interesse pódem, ou devem tomar as Nações por homens que insensivelmente tem perdido aquelle caracter nacional, que fazia a gloria do nome Lusitano, outr'ora taõ famoso, taõ te mido e taõ respeitado no universo? Parece que já naõ há

hum Portuguez! +

A natureza, e a diversidade das negociações naõ faz mudar a qualidade e circunstancias do negociador.— Charles Stuart será sempre hum Inglez; Felisberto Caldeira será sempre hum Brazileiro. |-

Naõ se diga que o Marquez de Barbacena vinha já munido desses poderes; que naõ havia tempo a perder; naõ se diga tal, por que todos sabem o contrario; todos sabem que o Marquez de Barbacena chegou á Europa sem essas instrucções, ou po deres de que tanto se tem fallado; que na falta de huma regencia, ou mesmo de hum Embaixador, existia entre os Por tuguezes Emigrados hum ou outro, que, por seu saber e mais circunstancias, estava nos termos de poder desempenhar satis factoriamente a missaõ de que se incumbio o Marquez de Barbacena, com tanto que esse Portuguez fosse competente mente authorisado; e finalmente, que mais tempo do que se tem perdido com as anomalias, e contradições de toda a ordem,

que a Europa e os Emigrados tem presenceado, naõ era pos sivel perder-se, mesmo quando hum agente Portuguez nada conseguisse do Governo Inglez, assim como tambem naõ era possivel consumir-se tanto dinheiro com menos utilidade.

E quaes foraõ as consequencias que se seguiraõ de conferir poderes a hum Brazileiro para representar na Europa; e quaes as vantagens que d'ahi resultáraõ á causa dos Emigra dos? A nomeaçaõ de hum Ministro e Secretario de Estado, e outros despachos, sem o que nem o Marquez de Barbacena fazia de rei na Comedia, que se representou em Londres, nem o Marquez de Palmella de seu primeiro Ministro e Confidente! Quem tal diria? E digaõ ainda que os Brazileiros naõ saõ para nada. Quem a naõ ser hum Brazileiro faria hum Ministro de Estado em Londres? E quem a naõ ser hum Ministro de Estado de hum Brazileiro daria commendas e Cartas de Conselho em Inglaterra? Resta porém saber, se o barbeiro, e o moleque do Sr. Felisberto Caldeira tambem foraõ feitos Commendadores e Conselheiros, por que desta forma po diaõ dár-se Commendas e Cartas de Conselho a todo o mundo,

inclusive aos subditos vendiveis do Imperio Constitucional.

Naõ se pense que gracejamos com objectos taõ serios e de taõ alta transcendencia: dizer que o Marquez de Barbacena, achando-se em Londres, noméara hum Ministro e Secretario de Estado para si, e por huma carta regia, hé dizer huma ver dade que naõ precisa de demonstraçaõ, por que hé taõ clara como a luz do dia.

Que o Marquez de Barbacena fizesse o papel de rei na Ca choeira, e despachasse boticarios e fabricadores de moeda falsa em Barões, Condes, e Marquezes, naõ seria para admirar, por que no Brazil tudo se tem feito, e tudo se pode fazer; porém que se lembrasse de abusar de suas instrucções, se hé que as tinha, ao ponto de commetter taes escandalos, sem exemplo na historia dos poderes ilimitados, ou do poder ab soluto, e á face, do mundo civilisado, com ofensa dos Go vernos e da moral publica, hé o que espanta, e o que ainda hoje parece hum sonho!

Faremos huma reflexaõ á cerca dos poderes illimitados, de que o Marquez de Barbacena se dizia munido. A Rainha hia para Vienna d'Austria, como todos sabem, e o Marquez de Barbacena trazia poderes para nomear hum Ministro de Estado em Inglaterra! A Rainha chegou a Falmouth no dia 24 de Setembro; entrou em Londres em 6 de Outubro, e o Ministro foi nomeado em 2 de Janeiro, tres mezes depois da sua chegada a Inglaterra! Isto faz-nos lembrar aquellas ce lebres instrucções preventivas de que se achava munido o Visconde de Itabayana, em virtude das quaes o Imperador,

seu amo, foi servido demitti-lo!

Desejaramos fazer aqui ponto a respeito do Marquez de Barbacena; quizeramos lançar hum véo sobre tantas mons truosidades; desejaramos em fim naõ ter olhos para vêr, nem coraçaõ para sentir; porém naõ hé possivel; a desgraça e a infamia a que nos reduziraõ, e a humilhaçaõ a que nos leva

raõ, fazendo-nos dependentes de hum agente Brazileiro, obri

ga-nos a proseguir a respeito do Marquez de Barbacena. *

Tem-se louvado a escolha do Sr. Barbacena para tratar com o Governo Inglez sobre os negocios de Portugal; tem-se elogiado a sua conducta na Europa, apresentando-o aos olhos dos Emigrados Portuguezes como o seu salvador; tem-se dito que a elle, e a mais ninguem devem os mesmos Emigrados a sua subsistencia e a sustentaçaõ da sua causa, por que se nao fôra elle estariaõ hoje no abandono, concebido e ordenado pelo grande Imperador, seu amo; tem-se allegado todos os seus actos passados, presentes e até futuros como outros tantos ser viços relevantes feitos á causa da Rainha e dos Emigrados; tem-se emfim enramado o Marquez de Barbacena com todo o louro do mundo! O mesmo Bacharel Cardozo naõ diria tanto do seu heroe. Tudo isto se tem dito do Marquez de Barba cena; porém nós sustentaremos sempre o contrario; diremos que o Sr. Barbacena terá feito sem duvida importantissimos serviços ao Imperador do Brazil, como dissemos no principio deste artigo (longe de nós contestar hum facto) mas nunca á causa da Rainha, nem aos Emigrados, mesmo naõ o consi derando já como Brazileiro, males, alguns fez com a sua vinda a Inglaterra, serviços, nunca. E se naõ temos já provado isto de sobejo com o que deixámos expendido, entaõ pondere-se o seguinte, que reduzimos a artigos para maior clareza e menos

duvida.

1º. O resultado das reclamações feitas pelo Marquez de Barbacena. •

2º. A triste situaçaõ em que se achou colocada a Senhora D. Maria 2º., e o papel melancolico que fez em Inglaterra, como se prova dos discurso, que se publicáraõ em Londres, por occasiaõ do seu regresso ao Brazil, verificando-se á risca o que disse, por occasiaõ da sua chegada á Europa, a gazeta de Lisboa.

3º. Os embaraços que occorreraõ desde entaõ: a complicaçaõ e a desordem nos negocios, promovida por cada hum dos agentes, já no Rio de Janeiro, já em Londres, como se estives sem apostados a naõ obrar d'accordo.

4º. A ridicula figura que fez o Marquez de Palmella em Londres carregado de nomeações, a qual d'ellas mais absurda, mais contradictoria, e illegal; perdendo de dia para dia a confiança entre os Emigrados," e essa tal ou qual influencia e consideraçaõ, que ainda tinha para com as Potencias Estran geiras.

5". A despeza feita em Laleham com hum estado inutil, e desnecessario, e com outros objectos, &". &º.

6". As privações que desde entaõ começáraõ a sofrer os Emi grados, e o progressivo augmento dos seus desgostos.

7". As cinco mil Libras esterlinas gastas no Hotel de Ports

* Alguem nos perguntará se elle M. de Palmella teve alguma vez

a confiança dos Liberaes, ou se a sua conductalha podia merecer?

*

mouth com huma mesa de estado, que a immoralidade naõ duvidou apresentar em contraste com a miseria, com a fome, e

com a nudez de muitos dos nossos compatriotas em Plymouth, e Bruges.

8°. O convite para o Brazil, feito de bordo da Fragata Im peratriz, com promessas de generosa hospitalidade, mas com o perverso fim de reduzir os Portuguezes Emigrados á con diçaõ de colonos, como aconteceo aos que chegaraõ ao Rio de Janeiro.

9". A actual situaçaõ dos Emigrados a quem cadavez mais se difficulta o pagamento dos seus subsidios.

10". As immensas sommas consumidas; o credito perdido, a opiniaõ perdida, e o tempo perdido.

11°. O estado, finalmente, dos negocios de Portugal.

Pondere-se por hum pouco sobre tudo isto que naõ saõ ca lumnias, nem aleives, que naõ saõ raciocinios ou vagas con jecturas, nem pomposos e eloquentes discursos; porem factos passados aos olhos de todos, e infelizmente conhecidos de todo o mundo, e responda-se.—Quaes foraõ e tem sido os serviços feitos pelo Marquez de Barbacena á causa da Senhora D. Maria 2", e aos Emigrados; e quaes os bens que resultáraõ da

sua vinda a Inglaterra?

E quem naõ vê por outro lado a injuria, que se faz á justiça

da causa quando se diz-que ao Marquez de Barbacena se deve o naõ estar hoje perdida—? E quem naõ vê o desacordo de algumas pessoas, quando asseguraõ—que ao Marquez de Barbacena devem os Emigrados a sua subsistencia, quando estes mesmos Emigrados estaõ desde muito tempo lutando entre a fome e a miseria, pela falta de pagamento dos seus subsidios? Digaõ muito embora que o Sr. Barbacena, que nós apenas conhecemos pelos actos da sua vida publica, e que póde aliás ser hum perfeito cavalheiro, fez grandissimos ser viços ao Imperador do Brazil na sua vinda á Europa, por que hé hum facto ter vencido grandes difficuldades para efeituar esse casamento, depois de tantas repulsas das filhas das casas mais pobres e obscuras da Italia; mas naõ digaõ—que o Marquez de Barbacena fez serviços á causa da Rainha e aos Emigrados; nem taõ pouco-que ao Marquez de Barbacena devem os mesmos Emigrados o naõ se acharem hoje aban donados, e a sua causa perdida; digaõ tudo quanto quizerem do Sr. Barbacena, teçaõ-lhe corôas de rozas, erijaõ-lhe esta tuas por toda a parte, e cantem os seus feitos politicos e mi litares, e mesmo as suas virtudes, por todas as ruas e Parks de Londres, menos que ao Marquez de Barbacena se devem ser viços, que naõ fez.

Todavia naõ faltará quem impugne nossas humildes reflexões taxando-as de subversivas, e como tendentes e calculadas a prejudicar a causa da legitimidade; naõ faltará quem diga -“O homem das Noções naõ está na causa; vendeo-se; hé mais hum perjuro; hé mais hum infame.”—Sim, naõ faltará quem diga tudo isto e ainda mais; por que sempre foi esta a

marcha da vil dependencia, e muitas vezes do crime quando alguem ousa levantar a voz da verdade a favor da causa pu blica, e naõ dos interesses particulares-de hum ou outro sevandija com a mascara de Liberal. Em todo o caso porém, o homem das Noções, que naõ embaraça, nem nunca embaraçou, nem jámais embaraçará os caminhos, e as avenidas por onde se especulaõ, e esperaõ os empregos e as mercês, ficará immovel, e sofrerá com resignaçaõ e paciencia os tiros da vileza, do odio e da maledicencia, em quanto naõ publica outras Noções.

Impresso por Bagster e Thoms, 14, Bartholomew Close.

NO TEXT ON PAGE

This page does not contain any text recoverable by the OCR engine.

D A M L S S A O

DO

MARQUEZ DE PALMA Á EUROPA,

E DA DELIBERAÇAO QUE ToMoU NESTA occASIAõ o

MARQUEZ DE BARBACENA.

A MIssAõ do Marquez de Palma á Europa teve por objecto —a cessaçaõ de todas as despezas com a questaõ de Portugal, e consequentemente dos soccorros aos Emigrados Portuguezes —levar sem mais demora, ou pretexto a Senhora D. Maria da Gloria para o Rio de Janeiro—ficarem de nenhum efeito as graças feitas em Laleham de camaristas, e medicos da camara, que effectivamente foraõ despedidos á maneira dos criados Inglezes, que tinhaõ sido tomados para o serviço ordinario da mesma Senhora-e desonerar o Marquez de Barbacena do negocio do casamento.—Esta foi em summa a missaõ do Mar quez de Palma, o qual chegou a Londres no dia 19 de Agosto de 1829, achando-se já a este tempo concluido o casamento do Imperador, seu amo. O que entaõ se passou entre a cha mada regencia, e o Marquez de Barbacena, hé taõ particular, e contem circunstancias taõ extraordinarias, e miudas, que

julgamos a proposito deixar para o fim deste artigo a sua nar

rativa.

Convêm agora fallarmos do Marquez de Palma. O Mar quez de Palma, que taõ empenhado se mostrou na execuçaõ das ordens do Imperador, seu amo, e que tratou mal, o Sr. Palmella, a ponto de lhe naõ querer aceitar hum jantar de familia, naõ recebeo aqui o melhor tratamento, o que era de esperar attenta a missaõ de que vinha encarregado: elle teve por tanto de ir para o Brazil na mesma embarcaçaõ, que o conduzio á Europa, naõ obstante a qualidade de Mordomo Môr da Imperial casa Brazileira, e mesmo naõ obstante vir nomeado Camarista da Senhora que quizesse ser Imperatriz do Brazil, dando a maõ de esposa ao Imperador Constitucional, teve de ir, repetimos, na mesma embarcaçaõ, porque o Mar quez de Barbacena naõ consentio que elle puzesse os pés nos seus estados, isto he, abordo da Fragata Imperatriz, que con duzia ao Rio de Janeiro a Senhora D. Maria da Gloria, e a nova Imperatriz, arranjada finalmente depois de tres annos de fadigas, e de trabalhos para achar na Europa huma Princeza, que quizesse casar com o Imperador do Brazil. Todavia o Mar quez de Palma naõ se deu por offendido deste máu trata mento, porque recebendo aqui humas seis mil Libras ester linas, por trazer a Londres esses bons despachos de seu amo, naõ quiz saber de mais cousa alguma, metteo-se abordo do seu Chaveco, e fez-se á vela para o Rio de Janeiro, deixando com tudo na Corte de Jorge IV. huma amostra da polidez da Corte do Brazil, pois que se naõ cançou em procurar os Mi nistros de S. M. Britanica, nem pessoa alguma da sua Corte!

Levou porem na sua companhia seu Irmaõ D. Thomaz de Mascarenhas, que sendo camarista naõ foi abordo da Fragata Imperatriz!

Muitas foraõ nesta occasiaõ as queixas contra o Conde de Sabugal; por que sendo agente do Sr. Palmella no Rio de Janeiro, naõ soube dos despachos de que foi portador seu irmaõ o Marquez de Palma, vivendo em sua casa de cama, e mesa; e andando de coche com o Imperador, pelo grande apreço que este fazia da sua pessoa, como se publicou aqui em Londres, em hum impresso! Entaõ se disse que as charadas naõ davaõ tempo ào Conde de Sabugal, para saber o que se passava no Rio de Janeiro; nem lugar ao Imperador para lhe communicar o que fazia a respeito de Portugal.

Trataremos agora do que occorreo entre a chamada regen cia, e o Marquez de Barbacena. O Marquez de Barbacena olha para o Marquez de Palma, e com razaõ, ou sem ra zaõ, ri-se: o Marquez de Palma zangado, ou desconfiado, abaixa a cabeça, encolhe os hombros, e faz meia volta á di reita: o Sr. Palmella, porem, naõ se ri, e mais desconfiado do que o Marquez de Palma, agarra nos cabeções do Mar quez de Barbacena, leva-o para huma sala, e assim lhe fala: —E como hade ser isto das Letras Sr. Marquez? Naõ lhe dê isso cuidado, Sr. Palmella, responde o Marquez de Barba cena, e continua-veja se encontra quem facilite ahi humas quarenta mil Libras, ou mais, que eu me responsabilizo pelo seu pagamento, com todas as condições que quizerem, que depois eu os farei suar para haverem o seu dinheiro.

A este tempo entra na sala Jose Antonio Guerreiro com o Marquez de Valença a traz, o qual se naõ via: he informado sobre o assumpto, declara a Patria em perigo, e propõe huma sessaõ permanente.—Grandes risadas do Sr. Valença-o qual pondo-se logo em pé sobre huma cadeira, tomou a palavra, e disse.—Para que hé huma sessaõ permanente? Eu naõ sei se a Patria está em perigo, o que lhes posso assegurar he, que a naõ vejo ha dois annos. Em perigo estamos nós coma vinda do Marquez de Palma; por outra, os nossos interesses hé que estaõ em perigo, e hé sobre este ponto que devemos tra tar; esta hé que hé a verdadeira questaõ; esta hé que hé a razaõ das razões; este hé que hé o direito dos direitos; tudo que naõ for isto, hé fóra da ordem, e por tanto fora de propo sito. Ouvi fallar aqui em sessaõ permanente! Naõ sabem que se nos metessemos em tal, teriamos de estar em sessaõ permanente seis mezes pelo menos, ate que chegasse a Londres a resposta do Imperador do Brazil ás nossas propostas ? Qual seria o homem, ainda o mais robusto e o mais patriota, que tivesse a paciencia de esperar seis mezes por huma reso luçaõ do Rio de Janeiro, já naõ digo sentado n'huma cadeira, mas ainda mesmo passeando na sala? Proponho, portanto, huma sessaõ secreta, em lugar de huma sessaõ permanente, e de cinco minutos, se for possivel, por que sou doente, e desejo ver isto acabado—(approvado, depois de muitos apoiados; e

todos a huma voz—estamos instalados em sessaõ secreta.)

SESSAÕ SECRETA.

O Sr. Palmella.—Tendo a palavra disse.—Como a sessaõ hé

secreta, e O momento hé critico, prescindamos de todas as formalidades exigidas n’uma assembléa legalmente consti tuida; proponho por tanto, que naõ haja Presidente, nem secretario—(approvado). Entaõ vamos, continuou o Sr. Pal mella, ao que importa.—As ordens do Imperador do Brazil, que se achaõ sobre a mesa, e de que foi portador o Marquez de Palma, equivalem ao abandono de Portugal: nestes ter mos he necessario avisar o Villa-Flor, para que abandone a Ilha Terceira, pois que naõ he justo que o sacrifiquemos. E quanto ás Letras, que tive a condescendencia de aceitar, e que devem impreterivelmente ser pagas, espero que o Sr. Barbacena haja de providenciar o seu pagamento, antes de se retirar de Inglaterra, aliás terei de ir para o King's Bench.

O Sr. Barbacena.—O meu credito naõ está ainda de todo perdido, e creio que a minha firma ainda valerá para alguma cousa. Eu já disse ao illustre regente, que huma vez que houvesse quem emprestasse quarenta mil Libras ou mais, estava prompto a responsabilisar-me pelo seu pagamento, por

que em chegando ao Rio tudo se arranjará.

O Sr. Valença.—Tenho a fazer já cinco proposições, qual dellas mais urgente.—lº. Que seja banido desta sala o nome de regente, bem basta a triste figura que temos feito; e de mais, se sonharem que he a regencia que trata de pedir as quarenta mil Libras, ou de contrahir hum emprestimo, ou emfim, que d'algum modo entra neste negocio, estou certo que naõ apparecerá hum shilling; táes saõ já os rumores e as

desconfianças a nosso respeito.—2". Que se chame o secretario

Balbino para lavrar a acta da presente sessaõ:-3. Que cada hum de nós tome a palavra todas as vezes que quizer.-4". Que se faça esconder em alguma casa o Marquez de Palma por bem, ou por mal.—5". Que se desminta, por hum impresso dos nossos, a sua chegada a Londres—e reservo-me para fallar

sobre a materia.

O Sr. Guerreiro.—Approvo todas as propostas do Sr. Va lença, excepto porem, a do secretario para escrever a acta da presente sessaõ; e a que diz respeito ao impresso desmintindo a chegada do Sr. Marquez de Palma.—Já se venceu que naõ houvesse Presidente, nem secretario, e neste caso seria irri sorio assentarmos agora n'uma cousa, para a desmancharmos d'ahi a meia hora.—Quanto as impresso, acho summamente delicado hum tal arbitrio, por isso que he publica a chegada daquelle fidalgo Brazileiro a Londres: arriscamo-nos sem duvida naõ só a ser desmentidos, e com razaõ, pelos malditos Periodicos desta Capital, mas até a levar alguma batida do Times, que he o mais temivel de todos eles, e o que eu mais respeito: fundado, pois, nestas razões naõ admitto o im presso lembrado pelo Sr. Valença.

O Sr. Val.—Concordo que naõ haja secretario, huma vez que está vencido, que naõ haja secretario; mas proponho que venha o Sr. Balbino como Tachigrapho, para recolher o fino das nossas fallas.-Quanto porem ao impresso, naõ posso por principio algum conformar-me com a opiniaõ do meu illustre collega o Sr. Guerreiro. Convêm tanto desmentirmos a vinda

do Marquez de Palma, por hum impresso, como realisarmos o

emprestimo, em virtude dos poderes que tem o Sr. Barbacena. Eu naõ receio que sejamos desmentidos, o que receio hé, que se naõ faça o emprestimo; e para este se fazer hé que lembrei, logo no principio da sessaõ, que se escondesse o Marquez de Palma por bem, ou por mal; e que desmentissemos a sua chegada á Europa. E se formos desmentidos, naõ vejo que d'ahi possa resultar desaire ás nossas pessoas: esconda-se o Marquez de Palma, e deixem fallar o Times, o John Bull, o Morning Journal, e quantos quizerem fallar.

O Sr. Palm.—Lamento que se esteja aqui perdendo o tempo com questões taõ pueris.—Muito embora venha o Sr. Balbino; porem opponho-me á publicaçaõ do impresso lembrado pelo Sr. Valença, pelas razões que expendeo o Sr. Guerreiro; e opponho-me taõbem a que se lance maõ de violencia contra o Marquez de Palma, porque nos devemos lembrar que estamos em Inglaterra; approvo porem as outras proposições do Sr.

Valença. (Approvadas sem mais discussaõ.)

ENTRA O SR. BALBINO,

e senta-se. O Sr. Guer.—Eu considero o negocio arranjado; o Sr. Bar bacena tem muitissimos creditos na Praça de Londres, e as

Libras haõ de apparecer.

O Sr. Palm.—Duvido muito sabendo-se as difficuldades em

que nos achamos.

O Sr. Val.—Pois naõ haverá mais algum asno que caia? (á

ordem, á ordem,) Naõ me chamem á ordem, que eu naõ disse

cousa que escandalisasse.

O Sr. Guer.—Resta saber como hade ser feita a proposta, quem se hade procurar, ou quem se hade chamar a esta sala. O Sr. Balbino talvez se lembre d'algum seu amigo que queira, e possa emprestar a soma em questaõ, com as condições que quizer, pois que o Sr. Barbacena, segundo vejo, está disposto a fazer todos as sacrificios para valer ao Sr. Palmella.

O Sr. Balbino.—Talvez que o meu amigo de Baker Street queira fazer algum arranjo a este respeito. Eu lhe escrevo

para vir aqui se V. Exas. saõ deste parecer.

O Sr. Val.—Irra com tanto Baker Street! Esse homem naõ he para nada; he hum papelaõ, conhecido como tal; he hum miseravel, e de mais, desgraçadamente elle sabe de todos os nossos podres; e he notorio que naõ entra em negocio algum sem grandes seguranças, e vantagens. Verdade hé, que quanto ás vantagens naõ poderia haver duvida, porque o Sr. Barba cena podia conceder-lhe todas as que elle quizesse; porem naõ

se lembrem de semelhante homem.

O Sr. Balb.—Se me hé permittido ter a palavra, peço licença para fallar. (falle, falle.) Naõ posso admittir que se diga, que o meu amigo de Baker hé hum ente nullo. Elle tem prestado á nossa causa mui distinctos e relevantes serviços. Eu chamo a attençaõ de V. Exas. para o Belfast, que elle descobrio, e apromptou com hum desinteresse, e desvelo, que naõ se en

contraria por certo em qualquer outra pessoa, que fosse encar

regada de descobrir, e apromptar em dezanove dias hum Barco de Vapor em Londres! Chamo taõbem a attençaõ de V. Exas. para o zelo, e habilidade, que elle desenvolveo na promptifi caçaõ dessas espingardas, que foraõ para o Ilha Terceira na Fragata Izabel; aindaque alguns malevolos, seus, e meus inimi gos, espalharaõ que estas espingardas tem o mesmo prestimo, e a mesma idade do Belfast. Eu trato taõ somente de mostrar,

que este homem naõ hé taõ insuficiente como se pensa.

O Sr. Guer.—Talvez dando-se-lhe huma commenda que elle por si, ou por outrem, faça o negocio.

O Sr. Balb.—Se V. Exas. estaõ dispostos a dár-lhe huma commenda, devo dizer-lhes, que há muito que elle suspira por hum Craxá; assim como pelo lugar de Consul Geral de Portugal em Londres. Alguns entenderes me tem já dado a este respeito.

O Sr. Val.—Já que se falou no memoravel Belfast, as sumpto sobre o qual eu desejava, que se guardasse hum per petuo silencio, por muitos, e diferentes motivos; protesto fazer em occasiaõ opportuna, huma indicaçaõ para esta as sembléa pedir a algum poder executivo cá deste mundo, haja de ordenar huma séria investigaçaõ sobre as circunstancias, que precederaõ ao arranjo dáquelle Barco, para virmos no conhecimento de certas particularidades, que ainda nos saõ occultas. Eu fui hum dos que naõ quiz ir ao Porto, e disso naõ estou arrependido. Todos sabem os bens que resultaraõ

da tal expediçaõ, verdadeiramente de Vapor.

=

O Sr. Palm.-Peço a ordem: os Srs. que tem fallado estaõ

inteiramente fora da questaõ.

O Sr. Guer.—Eu taobem peço a ordem; tudo que naõ for tratar do emprestimo, he desordem.

O Sr. Val.—Eu levantei-me para responder ao Sr. Tachi grapho, cujo discurso importava hum ataque. He-me indife rente que se chame a esta sala o homem de Baker Street, ou para melhor dizer, Lord Puff, e que se lhe dem dois, ou tres Craxás, e ate huma Gran Cruz, porque nós temos tanto direito para fazer essas graças, como o publico para se rir do sujeito que as receber, e cahir em usar das insignias. Hé verdade que nós temos hum exemplo, que pode de algum modo des culpar-nos. D. Joaõ da Falperrêa fez-se commendador de todas as ordens, sem que ninguem se embaraçasse com isso. (á ordem, á ordem.) Hé forte mania, sempre que falo sou

chamado á ordem!

O Sr. Barb.—O Sr. Valença tocou n'um objecto que eu muitas vezes tenho lamentado. Quando em Gibraltar recebi a noticia dos desastres do Porto, duvidei por algum tempo da sua veracidade; estive quasi a seguir para Vienna d'Austria, em vez de vir para Inglaterra; mesmo em Falmouth o meu espanto foi grande ao receber a confirmaçaõ de hum aconteci mento, que eu naõ podia acreditar; tenho constantemente lamentado aquelles desastres, tanto pelas desgraças que dáhi se tem seguido, e que saõ notorias, como pelo mui bem fun

dado argumento que se pode, e deve necessariamente deduzir

|-*

de hum tal desfecho, e hé:—que a Naçaõ Portugueza naõ quer O que entaõ se proclamou.—Notarei taõbem que, por huma especie de fatalidade, as desgraças do Porto estenderaõ-se com incrivel electricidade á Ilha da Madeira, que teve de succumbir

sem disparar hum só tiro!

O Sr. Val.—Em toda a parte appareceu a inepcia a pár da fraqueza e do medo! Mas como naõ havia de succeder assim, se houveraõ militares, que atrahidos pelos conductores de algumas barricas, que se achavaõ no poraõ da Fragata de Mr. Canning, deraõ aos calcanhares, pensando que deste modo tinhaõ salvado a Ilha com honra e gloria!

O Sr. Guer.—Torno a pedir a ordem: naõ he este o objecto da nossa discussaõ; se o fosse, eu mostraria ao Sr. Barbacena,

que todos os males nasceraõ da Junta, e naõ do Belfast.

O Sr. Val.—Conheço que esta naõ he a materia de que devemos tratar; conheço que nada mais doloroso do que tocar nas profundas feridas, que a embecilidade de huns, e a cobardia de outros, abriraõ no seio da minha Patria; conheço que o objecto da presente sessaõ, hé hum emprestimo, e naõ o nosso processo; conheço tudo isto, mas a dôr que me dilacera o coraçaõ, as pungentes recordações, o triste quadro, que se me apresenta a todos os momentos, em huma palavra, a idêa horrivel dos males sofridos por tantas familias, dignas por certo de melhor sorte; dá-me em fim todo o direito para mani festar os meus sentimentos sobre os fataes, e horrorosos acon

tecimentos do Porto. Nem eu seria homem, e de monstro teria

todas as formas, se deixasse de expressar estes sentimentos, sempre que a occasiaõ mo permittisse, só por que podia desa

gradar aos authores de tantas desgraças. •

Quem com justiça, ou sem justiça, projecta e leva a efeito huma revoluçaõ, contrahe desde logo o dever de a levar ao fim, disputando passo a passo com o contendor, até conseguir o seu triunfo, ou morrer com a espada na maõ: para isto naõ he preciso ser Bruto, nem Cataõ; he preciso naõ ser embecil, nem fraco: fazer huma revoluçaõ para fugir, e comprometter; entrar n'uma revoluçaõ para fazer victimas, e fugir taobem; hé hum crime, e hum crime taõ grande, e imperdoavel, que

em toda a parte hé punido de morte.

O Sr. Barb.—Naõ fallemos mais em semelhante assumpto. Veja Sr. Balbino se se lembra de outra pessoa, porque o seu

amigo, pelo que tenho colhido da discussaõ, naõ serve.

O Sr. Balb.—Entaõ lembro-me do Silva. (apoiado, apoi ado.) •

O Sr. Guer.—Chame-se o Silva. (approvado)—

Depois de huma pequena discussaõ se devia, ou naõ, ser admittido o Sr. Silva á sessaõ secreta, ou se seria mais proprio nomear-se huma commissaõ de fazenda para tratar com elle em hum quarto contiguo á sala da sessaó, sobre o empres timo que se pretendia; decidio-se unanimemente, que fosse

admittido na sala para assistir á sessaõ secreta,

}

O Sr. Val.—Proponho que venha o Lunch em quanto naõ chega o homem, porque isto naturalmente hade deitar para muito tarde; e naõ esqueçaõ as pastilhas de New Bond Street. (apoiado, apoiado, apoiado)

O Sr. Barb.—Eu apoiei a proposta do Sr. Valença, porem tenho a fazer huma reflexaõ. Venha muito embora o Lunch com as pastilhas; mas naõ nos demoremos muito tempo á mesa, para que naõ pense o tal Silva, vendo-nos neste acto, que nós naõ tratamos de outra cousa senaõ de comer, e que

por consequencia taobem somos capazes de engulir o empres timO.

O Sr. Guer.—Hé sem duvida mui judiciosa a reflexaõ do Sr. Barbacena; porem devo ponderar, que o homem nada tem com a applicaçaõ do emprestimo: nós podemos dár-lhe o destino que quizermos huma vez que se diga, que hé abem da causa. O medo muitas vezes hé o motivo de se fallar. Entretanto, sou de parecer que por ora naõ haja profusaõ,

e que venhaõ pastilhas só para o Sr. Valença.—(approvado.) Depois de meia hora retirou-se o Lunch; e entrou na sala o Senhor Silva, deixando fora o seu Rabaõ; e dizem

lhe todos a huma voz—tome assento V. S.

O Sr. Guer.—Naõ repare V. S. na senhoria, que nós lhe

damos, por que tencionamos dár-lhe a carta de conselho.

O Sr. Val.—E se fizer o milagre conte taobem com o

• foro grande para seus filhos, e com huma commenda para

seu sogro, que dizem ser hum Inglez muito capaz-(o homem está cahido, temos dinheiro, mas duvido muito que se pa guem as Letras, e aos Emigrados—disse o Sr. Valença, es

fregando as maõs, ao seu collega da direita.) O Sr. Silva.—Mas, Senhores, qual hé o negocio?

O Sr. Barb.—Em duas palavras lhe vai a ser proposto— Eu tenho poderes ilimitados do Imperador, meu amo, para tudo que for a bem dos negocios de Portugal: naõ temos actualmente fundos para occorrer ao pagamento das Letras, que o Sr. Palmella tem aceitado, e que devem ser infalivel mente pagas, para se naõ perder o credito; nem taõ pouco para se satisfazer os subsidios aos Emigrados, ainda que isto naõ hé o que nos dá maior cuidado, a pesar da miseria, e da desgraça em que dizem elles se achaõ: mandámos pois cha mar o Sr. Silva, para que nos diga se quer fazer hum empres timo de quarenta mil Libras esterlinas, ou de maior quantia, com o premio, e commissaõ, e mais alguma outra vantagem,

que for razoavel.

O Sr. Silva.—Eu naõ tenho a menor duvida de entrar em algum contracto a semelhante respeito, huma vez que o Sr. Barbacena tenha esses poderes, e que elle se faça com toda a legalidade, e com todas as garantias necessarias. Porem devo ponderar, que hé voz geral na Praça ter chegado a Londres o Sr. Marquez de Palma com ordens mui positivas do Impera

dor do Brazil, para cessarem todas as despezas com a ques

#de { (Ont[3

! Os Filmº | iler ! # INCI (3lSd (Ol0 Rio a ºito igri fllll! I E fui Pole # : lº S. | 0 llSCC #S # dº hº

taõ de Portugal: e neste caso, estou certo que todo e qualquer contracto que se fizer, hé nullo, e sem efeito.

O Sr. Val.—Naõ creia Sr. Silva em tal: o Marquez de Palma naõ sahio do Rio de Janeiro; tudo quanto tem ouvido dizer a semelhante respeito he falso, he forjado, e espalhado pelos nossos inimigos, que naõ cessaõ de nos apoquentar, procurando todas os meios de empêcer o andamento da nossa causa que, como sabe, nunca apresentou taõ bella prespectiva como no momento actual. Repito, o Marquez de Palma naõ veio a Inglaterra: isso que se diz naõ hé mais do que hum boato taõ absurdo, que por si mesmo se destroe; e senaõ diga-nos; já vio o Marquez de Palma? E por ventura pode entrar na cabeça de alguem, que achando-se o Sr. Barbacena na Europa, encarregado do casamento do Imperador do Brazil, este mandasse o M. de Palma para o mesmo fim? Pode isto entrar na cabeça d'alguem, e muito mais se nos lembrarmos da estima, e do conceito, que o Imperador faz de S. Exc.? E pode taobem entrar na cabeça de alguem, que o Imperador, que taõ desvelado se tem mostrado até aqui nas cousas de Portugal, mandasse o Marquez de Palma com essas ordens que dizem, e que em tal caso equivaliaõ ao abandono de huma causa, porque elle tanto se tem empen hado ? O Marquez de Palma, que hé o Mordomo Mór do Imperador, e como tal jámais inseparavel du sua imperial pessoa, havia de sahir do Rio de Janeiro? Naõ creia em tal Sr. Silva; essa noticia que lhe deraõ, e que corre sem funda

mento, só para nos inquietarem, vai a ser desmentida por hum

impresso nosso, que está a chegar da imprensa, e hé quanto

basta para se naõ dever acreditar.

O Sr. Silva.—Já disse que naõ tinha duvida alguma em fazer o emprestimo que se pretende, e mesmo outro qualquer, huma vez que se me prestem todas as seguranças, sem o que naõ me he possivel entrar no negocio que se me propõe, naõ tanto por mim, como pelas pessoas a quem necessariamente hei de recorrer para apromptar as somas necessarias, pois naõ

tenho fundos para empatar.

O Sr. Barb.—Ali sobre aquella mesa há hum Decreto, que o Sr. Guerreiro trouxe do Rio de Janeiro, authorisando hum emprestimo de huns poucos de milhões de crusados, para serem pagos por Portugal, mas por certos inconvenientes, que naõ saõ para aqui, nem vem ao caso, julgamos que naõ deviamos tratar de semelhante emprestimo: por outro lado, sempre se hia apurando alguma cousa do dividendo pertencente ao emprestimo de Portugal; em fim, nunca esperamos o empate da venda do páu Brazil, e de alguns outros efeitos que sabe: porem agora que chegamos a hum verdadeiro apuro, e que todos os dias, e a todas as horas estaõ batendo á porta do Sr. Palmella as Letras que elle aceitou, sacadas pelo Sr. Villa Flor, que taõ heroicamente tem sustentado, e defendido a Ilha Terceira, naõ do furor das ondas, mas dos seus inimigos; hé necessario reccorrermos a hum emprestimo, embora se faça algum sacrificio. Se o Sr. Silva quer fazer o emprestimo dos milhões de que trata aquelle Decreto, ou outro qualquer, eu

naõ tenho duvida de lho fazer bom, logo que chegue ao Rio de Janeiro, responsabilisando-me desde já pela ratificaçaõ do Imperador, e pelo seu exacto cumprimento; para o que prestarei as garantias, e seguranças que quizer, na certeza de que tenho poderes illimitados para tudo; porem hade dár desde já as quantias que o Sr. Palmella lhe pedir para pagar as Letras, e os subsidios aos Emigrados.

O Sr. Guer.—Devo advertir a V. S. que o Sr. Barbacena he modesto ao ponto de lhe occultar certas circunstancias importantes. O Sr. Barbacena tem concluido, como sabe, o casamento do Imperador, vencendo insuperaveis difficul dades, e suplantando intrigas, que eu naõ posso agora mem cionar; e se até aqui, pela sua grande influencia, e accesso ao Imperador, seu amo, dava a lei no Brazil como dez, agora a dará como cem.—Mais, o Sr. Barbacena acaba de receber pela Náu Ganges huma carta de amores do Imperador, agra decendo-lhe o casamento, e fazendo-o sciente da inquietaçaõ em que se achava pela sua demora, aponto de o estar espe rando de dia, e de noite fora da barra do Rio Janeiro! He certo que nesta carta naõ falla S. M. Imperial em cousa algu ma á cerca de Portugal, e a razaõ disto salta aos olhos. O Imperador já deu todas as providencias que tinha a dár a respeito dos negocios d'aquelle Reino, e neste caso naõ tinha a tomar outras medidas. O estado dos negocios hé o mais agradavel possivel: há cousas que se naõ podem divulgar, por que estaõ em segredo, e por ora assim convêm; mas posso dizer-lhe, que se quizessemos ir sem Carta, há muito que la estavamos. E direi por ultimo ao Sr. Silva, que o Sr. Bar

C

bacena tem todas as ideas de entrar para o ministerio logo que chegue ao Rio de Janeiro, e de fazer hum todo seu. Ora á vista disto, poderá haver duvida no cumprimento de todo e qualquer contracto, que se fizer com o Sr. Barbacena ?

Naõ, por certo.

O Sr. Val.—Peço a leitura dos Decretos, e mais papeis, que se achaõ sobre a mesa.

O Sr. Guer.—Huma vez que as negociações estaõ pen dentes, taes papeis envolvem segredo, e por isso opponho-me

á sua leitura. (Approvado sem mais discussaõ.) ...!

O Sr. Palm.—Tenho-me abstido de fallar sobre o assumpto, por que naõ sendo eu o que heide prestar essas garantias, que o Sr. Silva exige, julguei que naõ devia fallar sobre a materia: agora porem, que a discussaõ está adiantada, sou obrigado a dizer ao Sr. Silva, apoiando-me no meu honrado collega o Sr. Guerreiro, que se o Sr. Silva estivesse em situaçaõ de poder entrar no amago, ou no intrincado labyrintho dos negocios diplomaticos e politicos, que tem passado, e estaõ passando actualmente pelas nossas maõs, estou certo que naõ hesitaria hum só momento em fazer hum emprestimo, naõ só de vinte

milhões, porem de quarenta, se fosse necessario.

O Sr. Silva.—Ainda que eu naõ entendi taõ bem o Sr. Pal mella, como os outros Senhores, que tem fallado, com tudo estou prompto a fazer o negocio.

O Sr. Val.—Levanto-me para fazer huma explicaçaõ ao Sr. Silva.—Aquella hé a lingoagem º propria do Sr. Palmella, nem elle podia fugir para os termos vulgares; bem sabe o Sr. Silva que o politico por excelencia, o habil e consummado Diplomata, deve medir por hum compasso todas as suas pala vras, e naõ se fazer jámais entender, nem taõ pouco entendido, aliás naõ presta para nada. O Sr. Palmella queria dizer ao Sr. Silva, que naõ tivesse duvida em fazer o emprestimo, huma vez que o Sr. Barbacena se prestava a dár-lhe todas as garantias. Acrescentarei taõbem, que tudo quanto disse o meu esitmadissimo collega o Sr. Guerreiro, a respeito do pre sente estado dos nossos negocios, hé taõ exacto, que as mes mas noticias encontrará o Sr. Silva no Quadrant, e nos circu

los mais bem informados.

O Sr. Barb.—Entaõ estamos d'accordo, e podemos ficar certos de que o Sr. Silva se presta desde já a dár os dinheiros necessarios, fazendo-lhe eu bom o emprestimo de vinte milhões, ou d’aquella somma que assentarmos, e com as condições que

forem justas.

O Sr. Sº.—Naõ tenho duvida, logo que V. Exc. assigne o contracto, de dár ao Sr. Palmella as quantias que lhe forem necesarias; porem advirto a V. Exc., que em todo o caso o

Brazil hade ficar responsavel pelo pagamento do emprestimo.

O Sr. Barb.—Nisso naõ haverá duvida alguma; mas como estamos a partir para Portsmouth, e eu precise ouvir sobre

este negocio o Sr. M. de Rezende ali, querendo o Sr. Silva,

concluiremos o contracto, podendo de hoje em diante pôr á disposiçaõ do Sr. Palmella as somas que elle lhe requisitar; e advirto-lhe que o emprestimo será conservado em segredo presentemente, e naõ será publico sem o consentimento das

altas partes contractantes.

O Sr. Sº.—Estou prompto, e ao primeiro aviso me acharei

em Portsmouth. (retirou-se.)

O Sr. Guer.—Proponho agradecimentos ao nosso Tachi grapho pela sua boa lembrança, (approvado, com grandes ap

plausos da assembléa.)

O Sr. Balb.—Peço licença para fallar. (falle, falle.) Todos sabem o desinteresse, e a honra com que tenho servido a Na çaõ nesta ultima epocha, e o zelo com que me tenho empre gado no real serviço de V. Exas.—todos sabem que naõ sou capaz de entrar em negociações improprias do meu caracter, e improprias do cargo que occupo-todos sabem que naõ tenho arredado do Strand hum shilling sequer :-todos sabem finalmente as privações que sofro, naõ podendo pagar ao açougue, nem ao padeiro: peço portanto o ser contemplado na repartiçaõ do dinheiro, que o meu amigo Silva puzer á

disposiçaõ do. Sr. Palmella.

O Sr. Barb.—Acho muito justa a petiçaõ do Sr. Balbino; saõ de sobejo publicas, e notorias as suas precisões; porem devo dizer-lhe, que se entenda a este respeito com o Sr. Pal

mella. (approvado.)

O Sr. Val.—Proponho que saia da sala o Sr. Balbino, visto naõ ser já preciso, e a sessaõ estar a finalisar, (approvado, e sahio o Sr. Balbino.) E continuou o Sr. Valença.—Reservei

me para fallar no fim, e serei resumido. Vejo que está con

cluido hum emprestimo, e que portanto temos dinheiro; mas taobem vejo que as Letras, e os Emigrados jamais seraõ pagos, (á ordem, áordem, á ordem-de todos os lados.) Quero fallar, estou na ordem, ninguem mais do que eu respeita a ordem, e por isso posso fallar; e de mais, eu sou inviolavel nas minhas opiniões, nem aqui está o Sr. D. Francisco de Almeida para me fazer huma accusaçaõ, ou perseguir-me lá fora como calumnia dor. Proponho pois a bem da causa, e dos Emigrados, que se convoquem tres Negociantes portuguezes da Praça de Londres, de reconhecido credito, e patriotismo, a fim de for marem huma Commissaõ para receber todos os dinheiros, ou tê-los á sua disposiçaõ, que hé a mesma cousa, e fazer todos OS pagamentos qne forem competentemente authorisados por nós; devendo a mesma Commissaõ formar huma escrituraçaõ de receita, e despeza, e proceder, em huma palavra, a todas aquellas operações que saõ inherentes a huma cousa que em portuguez se chama-ordem, arranjo, e legalidade—sem o que jámais poderá haver boa administraçaõ, e mais vale tarde, que nunca: e se agora há escassez de dinheiro, tanto maior attençaõ deve merecer este objecto, pois que naõ hé justo, que huns comaõ tudo, e outros morraõ á fome, como infelis mente está acontecendo. Nada de contas de saco, nada de arbitrariedades, nada de ter o dinheiro á disposiçaõ de hum só homem sem responsabilidade, de hum homem que quando se

lhe pede hum documento, responde-que o naõ pode apresen

>

tar, por que naõ apparece, ou porque nunca existio! Huma confusaõ, huma desordem, em fim, hum cahos calculado, que equivale a huma voracidade sem limites! Devemos, portanto, afastar todo o odioso, que possa recahir sobre nós, pela má destribuiçaõ e applicaçaõ dos dinheiros, que saõ postos á

nossa disposiçaõ.

O Sr. Guer.—Naõ posso por principio algum conformar-me com a opiniaõ do illustre preopinante o Sr. Valença. Em primeiro lugar, os dinheiros naõ saõ postos á nossa dispo siçaõ, mas sim á do Sr. Palmella, como embaixador, e neste caso hé claro, que naõ somos responsaveis por actos, que se naõ podem dizer nossos, dado o caso, o que naõ he possivel, da má applicaçaõ dos dinheiros—Em segundo lugar, o systema economico —admistrativo—e politico—até agora adoptado, hé o mais conforme, compacto, coherente, e legal, como tem mostrado a experiencia, nem era possivel descobrir outro melhor em contabilidade—O Sr. Palmella quer dinheiro, isto he, tem de destinar esta, ou aquella somma, para objectos secretos do real serviço, como os que dizem respeito á alta Policia; tem de ordenar este, ou aquelle pagamento, em beneficio da segurança publica; tem de applicar esta, ou aquella quantia, a favor de hum, ou outro descobridor de moeda falsa, e muitas vezes de quadrilhas de salteadores; tem de dár este, ou aquelle premio, a hum delator, &a.—V. Exc. taobem quer dinheiro, por que naturalmente quer receber o seu ordenado naõ só em dia, mas adiantado— eu taobem quero o mesmo, por que sempre ouvi dizer, que a caridade bem ordenada começava por nós; - que expediente mais

prompto, mais rapido, e que menos embaraços ofereça, do que ter o Sr. Palmella o dinheiro no Banqueiro Cuttes á disposiçaõ do seu secretario Balbino, para ser entregue aos portadores dos seus checks? Quer o Sr. Valença dár a saber ao povo da Emigraçaõ, que estamos pagos em dia, e que temos mensalmente a mesquinha quantia que sabe? Quer ficar dependente de tres Negociantes, que podem ser tres malcriados, naõ obstante os costumes, e usos Inglezes; e que n'um accesso de loucura podem publicar aquillo, que tanto devemos occultar? Naõ repara o Sr. Valença, que estamos n'um Paiz, aonde pela imprensa, que eu tanto detesto, como se sabe, podemos ser horrivelmente batidos, e naõ sei se lhe diga, desmascarados, sem termos resposta alguma a dár, nem taõ pouco poder vingar-nos ? Pensa que estamos em nossa casa, aonde podiamos fazer o que quizessemos, sem receio de nos tomarem contas, ou de nos arguirem? Nao vê que estamos em Inglaterra aonde as Leis, pelo que temos feito, protegem mais os nossos inimigos, do que as nossas pessoas? Por todos estas rasões despréso in limine, naõ a proposiçaõ do

Sr. Valença, porem o seu desproposito. O Sr. Val.—Nao me admiro . . . . . (foi interrompido.)

O Sr. Barb.—Já me tinha levandado para fallar. Acho de grande peso as razões produzidas pelo Sr. Guerreiro: sou portanto de parecer, quanto ao objecto em questaõ, que se siga o mesmo methodo, ou systema até aqui adoptado. Cer tamente elle hé o mais simples, e adequado ás nossas circuns

tancias: nada mais desagradavel do que pedir a outrem

aquillo que está na nossa maõ. O systema oferecido pelo Sr. Valença, seria optimo em qualquer outra conjunctura, mas no presente estado de cousas, hé inteiramente inutil, e des necessario. Eu mesmo tenho de fazer aqui algumas des pezas extraordinarias, e outras em Portsmouth, que naõ admittem delongas, nem rodeios-E que pode acontecer de seguir-se o mesmo systema, fallarse? Naõ se tem já fallado, gritado, e ralhado bastante ? O merito consiste na cohe rencia; ralhem, fallem, e gritem muito embora, nós devemos ser coherentes. E bom será ir já notando esses falladores, como perturbardores da boa ordem, para em tempo compe tente. . . . naõ sei se me percebe, Sr. Guerreiro ? V. S. já foi ministro da justiça, e sabe melhor do que eu como essas cousas se arranjaõ. Estou certo que no lugar em que o Sr. Guerreiro se acha actualmente, fará os maiores prodigios— dirá, por exemplo, n'um Bulletim, ou n’uma Proclamacaõ, ou mesmo n’uma Circular aos Ministros Territoriaes, e da Côrte, que fará depois publicar na Gazeta-nada mais of fensivo da moral publica, do que a espionagem—e redobrará logo a espionagem-repetirá aos amigos, e sempre que se ache em publico—nada mais inutil n'um systema consti tucional, do que hum Manique-e terá logo vinte Maniques, e outros tantos Aleixos—horrorisar-se-há sempre que ouvir fallar em denuncias em segredo—e admittirá logo as denun cias em segredo, &a. &a. Desviei-me do objecto em que staõ, por que o afecto que consagro ao Sr. Guerreiro, obrigou-me a fazer o elogio do seu mui alto, e distincto

merecimento.

O Sr. Palm.—A lembrança do Sr. Valença hé judiciosa; eu naõ a reprovo, dezejo muito essa Commissaõ; estou certo que naõ faltará quem a desempenhe; naõ me opponho por tanto ao seu estabelecimento; porem hade-me assegurar pri meiro o Sr. Valença-que o nosso corpo diplomatico será pago em dia; e que sobre este negocio, como em todos os outros objectos particulares do real serviço, que exigem segredo, e a que nós os Diplomaticos costumamos chamar de Gabinete-os taes negociantes, ou pessoas, que formarem a commissaõ, jamais revelaraõ o sigilo, que he indispensavel guardar sobre taes objectos. Huma vez que o Sr. Valença me assegure disto, eu requeiro que a Commissaõ seja decre

tada hoje mesmo.

O Sr. Val.—Naõ me cançarei em combater, e refutar as razões, que se tem produzido contra a minha proposta-por que além de me achar cançado, naõ quero perder a paciencia, nem o tempo: concordo portanto, com os principios machia velicos da diplomacia da direita, e do jesuitismo da esquerda; (foi chamado á ordem vinte e cinco vezes) porem haõ-de per mittir-me huns, e outros Senhores, que eu fique convencido de que o methodo até aqui adoptado, hé o mais simples, e claro, o mais engenhoso, e admiravel; por que hé sem questaõ, livre de todos os escruplos, e decide todas as duvi das. Naõ concordo todavia com a audacia do Sr. Guer reiro: as suas expressões grosseiras, e atrevidas . . . . . (á ordem, á ordem, á ordem) Heide fallar, e fallo pela ulti ma vez, para descargo da minha consciencia. Ninguem mais do que eu conhece o ridiculo da Farça em que infelismente

tenho representado há mezes a esta parte, e por isso ninguem mais do que eu deseja vêr-se para longe deste lugar: (fóra, fóra, fóra; de ambos os lados.) Qual fóra, nem meio fóra ;

heide . . . . (foi interrompido.)

O Sr. Barb.—Eis aqui os inconvenientes que oferece huma assembléa sem hum Presidente, e sem hum secretario, e sem hum regulamento interno! Cahi nesta, mas naõ cahirei n'outra, por certo. O Sr. Valença tem divergido muito além dos limites prescriptos pela prudencia, e pelo respeito. O Sr. Valença tem-se constituido réo, naõ digo de lesa-Magestade, mas de lesa-assembléa; está pois no caso de hum processo:

voto portanto pelo processo. (apoiado, apoiado.)

O Sr. Palm.—Porquem saõ, lembrem-se que estamos em Londres, e que ao mais pequeno rumor teremos essa rua cheia de populaxo Inglez, exigindo vêr-nos como se fossemos alguns animaes. O Sr. Guerreiro naõ fez mais que manifes tar o seu dissentimento; ele naõ quiz, por certo, atacar o Sr. Valença, e neste caso naõ deve o Sr. Valença dár-se por offen dido da divergencia do Sr. Guerreiro. Deixem-se portanto de questões; pensem hum pouco nas delicadas circunstancias em que nos achamos; accommodem-se, lembrem-se que o em prestimo está concluido; e acabe-se isto em bem, naõ demos argumentos para a intriga; evite-se em fim hum desaire naõ pequeno, qual o de hum ajuntamento britanico á porta do Palacio do governo, em South Audley Street.

O Sr. Guerreiro.—Casos extraordinarios, exigem medidas

extraordinarias: voto pelo processo; e proponho que o Sr.

Valença seja posto fóra da sala, quanto antes. (apoiado apoiado.) , - 'i. "

O Sr. Val.—De cima desta cadeira naõ sahirei nem a páu sem primeiro acabar o meu discurso.—Tudo quanto aqui se tem feito, hé nullo; (grandes gritos na assembléa) tudo hé nullo, porque nunca estivemos legalmente constituidos; (grande sussurro) esse mesmo emprestimo, que se vai contra hir agora, hé mais hum engano; (morra—naõ se soube se esta voz tinha sahido do lado direito, se do lado esquerdo) e fez-se com o mesmo direito, com que se tem feito commendadores, e conselheiros—por todas estas razões, tenho a fazer hum..... (interrompido.)

O Sr. Barb.—He indispensavel tomar huma deliberaçaõ a respeito do Sr.V.: proponho que seja posto fóra da sala vio lentamente, e sem perda de tempo. Hum exemplo moderno authoriza esta medida; a diferença está em naõ termos Gra madeiros, ou Gendarmerie, porem temos Watchmen, que hé a mesma cousa.

O Sr. Guer.—Para o pôr fora da sala basta o Jorge, (ap provado.) • •

Toca-se a campainha, entra o Cocles e diz.—Que querem V. Exas.? Chamé lá o Jorge.—Sim Sr., responde o Cocles, e dá este recado.—Meu amo recomendou-me que dissesse a esta assembléa, que se naõ esquecesse do seu requerimento.

Quem hé seu amo, pergunta o Sr. Barbacena? Hé o Sr.

Balbino, responde o Cocles. Va-se embora, naõ seja tolo,

tornou-lhe o Sr. Barbacena.

Entra o Jorge, pega no Sr. Valença ao colo, e pôe-no

fóra da porta.

O Sr. Barb.—Agora que está restabelecida a ordem na as

sembléa, devo dizer por ultimo ao Sr. Palmella, que nada

tenho com as cousas de Portugal, nem com as Emigrados, que podem, segundo a opiniaõ do Sr. Guerreiro, comer batatas, ou ir tratar da sua vida; por tanto, disponha V. Exa. do din heiro do emprestimo como lhe parecer, applicando-o aos ob jectos de maior urgencia; e lembre-se do Sr. Guerreiro, visto elle estar d'accordo; e lembre-se taobem da petiçaõ do nosso Balbino.—E quanto ao cumprimento do que se ajustou com o

Silva, lá no Rio veremos como isso hade ser.

O Sr. Guer.—Como a presente sessaõ está acabada, pro ponho que se mande huma Deputaçaõ ao Rio de Janeiro, para dar parte a S. M. Imperial dos nossos trabalhos: e felicita-lo pelo desvelo comque procura fazer a nossa fortuna.

O Sr. Barb.—O Sr. Guerreiro naõ se lembra certamente que eu estou a partir para o Rio, e que neste caso he desneces sario mandar huma Deputaçaõ ao Imperador.

O Sr. Guer.—Tem V. Exa. muita razaõ; retiro a minha moçaõ, e proponho que V. Exa. leve á presença de S. M. Imperial a conta dos nossos trabalhos, e a felicitaçaõ de que tratei. (approvado.)

*

A este tempo sente-se fora grande rumor, e no mesmo momento he sorprendida a assembléa por hum grande nu mero de pessoas, que entraó tumultuariamente na sala, em grandes gritos, e com o Sr. Valença no ar. S.Exa. pede entaó que o deixem ir para sua casa, visto achar-se mui fatigado, e naõ poder por isso acabar o seu discurso, na forma que pertendiaõ as pessoas, que tinhaõ na maõ o Sr. Valença como em triunfo. Retirou-se pois o Sr. Valença,

accompanhado de seis individuos, ficando trinta na assembléa.

O Sr. Barbacena em attitude guerreira, e presumindo achar se no mesmo apuro em que se achou certo General Francez, que com promessas de protecçaõ até limpou a prata das Igrejas; assim falla ao ajuntamento.—Que delirio hé o vosso? Esque ceis-vos que o grande Imperador, meu amo, enviou-me á

Europa para vos proteger, e que eu vos tenho protegido?—

Naõ foi possivel ao Sr. Barbacena continuar na sua falla, por ter sido interrompido, pelo seguinte Coro de trinta

vozes emigrantes.

Conheceis que sômos Emigrados, e assim nos fallais? Que ousadia ! Acabou-se o sofrimento: depois de tantos males, hum Protesto nos chamou ás armas, huma Junta, e hum Bel

fast nos acabaraõ de perder . . . .

A este tempo salta hum dos trinta á cadeira do Sr.Va

lença, e ahi desenrola este speech,

“Do seio das desgraças, e dos infortunios, naõ sahirá al guma liçaõ que vos seja proveitosa? Ignorais por ventura que tudo que fazeis hé recebido com desgosto; e tudo que dizeis só encontra incredulidade ? Ignorais que a vossa authoridade, que naõ infunde nem respeito, nem obediencia, tem sido taõ sómente nominal? Ignorais que os Emigrados Portuguezes estaõ cançados de vos vêr, e que o mesmo bem lhe parece mui caro, se tem de o comprar com a prolongaçaõ do vosso des potismo? Ignorais que depois de haverdes descontentado a todos os Emigrados, punis ainda as suas queixas, a sua fome, a sua miseria, e a sua desgraça, como crimes, substituindo a huma regular destribuiçaõ de soccorros, o abandono, e o des prezo? Pode acaso esquecer a alguem a má administraçaõ dos fundos que tem sido postos á vossa disposiçaõ; as vossas mentiras, os vossos embustes, e os vossos enganos? Pode acaso esquecer a alguem as vossas contradições, signal de in capacidade; a audacia de alguns dos vossos empregados; e a mistura, finalmente, de fraqueza, e atrevimento, de nimia complacencia para com huns, e de insolencia para com outros? Naõ, por certo.”

“Esta tem sido a vossa conducta; e eis-aqui o que vos tem colocado em hostilidade com os Emigrados Portuguezes, e o

que torna o vosso poder perigoso em toda a parte.”

Acabado este discurso sahiraó da sala os trinta individuos, na melhor ordem possivel; e o Sr. Barbacena rompeu nestas

palavras.

“Nunca na minha vida sofri maior insulto; confesso que me naõ torno a metter n'outra; naõ foi o tal speech, que me fez suar, foi o Coro, porque nunca vi homens mais desafinados; nunca pensei que huma sessaõ secreta acabasse por seme lhante modo; em fim acaba-se já esta maldita sessaõ, e abale mos d'aqui para Portsmouth, quanto antes.” (Approvado, e assim se deu por finda esta sessaõ, que teve lugar no dia 21 de Agosto de 1829.)

Impresso por Bagster e Thoms, 14, Bartholomew Close.

NO TEXT ON PAGE

This page does not contain any text recoverable by the OCR engine.

a a - s r a 2 e -

DAS LETRAS, E DA NOVA TABELLA.

NO TEXT ON PAGE

This page does not contain any text recoverable by the OCR engine.

|-

DAS LETRAS, E DA NOVA TABELLA.

FALLAREMos no caso das Letras, e da nova Tabella. As Letras sacadas pelo Conde de Villa-Flor, aceitas e naõ pagas pelo Marquez de Palmella, bem como as outras, que naõ foraõ por este aceitas, naõ procedem só dos viveres e efeitos, que se compráraõ na Ilha Terceira, nem das munições de guerra, que se apromptáraõ em Inglaterra para aquella Ilha, nem dos di nheiros que se pediraõ, ou para melhor dizer, que se extorquiraõ a alguns dos habitantes da Ilha Terceira, nem taõ pouco das sommas facilitadas pelos negociantes e proprietariosº Portu guezes, que foraõ chamados e convocados a huma reuniaõ pelo Marquez de Palmella, a qual teve lugar em South Audley Street em Outubro do anno passado; procedem tam bem das quantias, que na boa fé algumas pessoas entregáraõ na Ilha Terceira ao Conde de Villa-Flor, para as fazer entregar a diversos em Inglaterra, de maneira que há Letras de oito e dez Libras, que procedem disto, e que naõ foraõ pagas! E se dissermos que parte deste dinheiro foi dado na Ilha Terceira, para matar a fome a alguns Emigrados, aquem se naõ pagava o seu subsidio, poderá alguem acredita-lo? Mal pensaria entaõ hum filho, que soccorria seu Pai, hum amigo, que acudia a outro amigo, que este dinheiro, sagrado por tantos titulos, jámais seria entregue! Que honra! Que humanidade! Que

esperanças!

Todos os possuidores de taes Letras tiveraõ em resposta na chamada embaixada—“Que estas Letras, que naõ tinhaõ sido aceitas, estavaõ no caso das vencidas, que naõ tinhaõ sido pagas, e que assim esperassem pelo seu pagamento, o qual teria lugar hum dia.”—Hé para notar que esta resposta foi dada só depois do Marquez de Palmella se ter ausentado de Londres, por que até o momento da sua sahida para a Ilha Terceira, tanto elle M. de Palmella, como o Doutor Guerreiro, e os seus salafrarios, asseveravaõ aos apresentantes de taes Letras, e aos Emigrados que fallavaõ neste negocio-“Que naõ obstante as Letras naõ serem aceitas, elas hiaõ a ser pagas immediata mente.”—Convinha pois illudir os possuidores de humas, e outras Letras, com estes e outros estratagemas até o momento da sahida do M. de Palmella para a Ilha Terceira, sahida que nestas circunstancias naõ foi outra cousa mais que huma fuga, como geralmente se disse, se espalhou e se sustentou; por meio da qual fuga, sahida, ou como lhe queiraõ chamar, o mesmo M. de Palmella cortou todos os embaraços, e ficou livre de outras historietas, que lhe davaõ cuidado e roubavaõ o socego, aliás ninguem o arrancaria d'aqui, e ainda hoje o teriamos em

Londres.

Notaremos que hé tal a posiçaõ dos individuos de South Audley Street; hé tal a convicçaõ das suas atrocidades, que quando apparece hum, ou outro, disposto apatentea-las ao mundo, naõ vaga e indeterminadamente, como costumaõ fazer os mentirosos de profissaõ, os calumniadores e os perversos, mas com as provas na maõ, o medo e o susto de serem des

mascarados, e convencidos de suas iniquidades, os obriga como

delirantes a praticar outros tantos actos naõ menos injustos, escandalosos e infames. O seguinte facto hé a prova desta

verdade.

F . . . . entregou ao Conde de Villa-Flor, ou ao Major Mendes, que hé a mesma cousa, 14 Libras para serem entre gues em Londres a seu filho F . . . . . o qual, dirigindo-se por escripto ao Sr. Joze Balbino Barboza de Araujo, na au sencia do M. de Palmella, pedindo-lhe este dinheiro, recebeo esta resposta-"Que elle Joze Balbino sentia muito naõ lhe poder mandar as 14 Libras, por que esta quantia entrava nas Letras, que o Sr. Marquez naõ tinha aceitado; e que se as cir cunstancias d'elle Balbino fossem outras, promptamente lhe enviaria as 14 Libras do seu dinheiro para o obsequiar."—O credor das 14 Libras, naõ podendo, ou naõ querendo, con formar-se com esta resposta, retorquio ao Sr. Balbino e em termos taes, que as 14 Libras foraõ-lhe entregues dentro em dez minutos, naõ obstante achar-se no caso dos outros cre dores, como se lhe tinha feito saber, e naõ obstante o Sr. Con

selheiro Balbino naõ ter as 14 Libras para o obsequiar!!*

As Letras vencidas, e naõ pagas, ou as apolices, a que se reduziraõ taes Letras, naõ tem valor algum. Os que as tem procurado descontar com a perda de vinte e cinco por cento,

* Recebemos os particulares deste caso extraordinario por via de pessoa, que em parte o presenceou na propria casa da chamada em baixada, e assistio á assignatura do recibo pelo portador da carta.

naõ encontraõ quem as queira nem por metade do seu valor; tal hé o credito que merecem taes papeis, taes sacadores e taes

aceitantes.

Fallaremos agora da nova Tabella. Há tempos lembrou-se o Marquez de Palmella que podia pagar o subsidio aos Emi grados por meio de cedulas, projecto que naõ foi adiante, por que sendo mandados consultar sobre isto os membros da com missaõ dos subsidios, que deviaõ acreditar estas cedulas com a sua assignatura, assentáraõ estes, que naõ tinha lugar hum se milhante arbitrio, já por que ninguem as aceitaria aos Emi grados em pagamento, e já por que, quando as aceitassem e se naõ pagassem, o que era mais natural, elles membros da commissaõ, que eraõ os unicos responsaveis, teriaõ neste caso de gemer no King's Bench, ou de fugir de Inglaterra, primeiro que o M. de Palmella; o qual, sendo fertil em boas lembranças, achou logo outro recurso naõ menos cavilloso, porém nada arriscado para elle, para os membros da commissaõ, e para os Emigrados, se bem que mui pesado para os que cahiraõ no laço, como passamos a demonstrar.

Convinha ao Marquez de Palmella e companhia dár dife rente destino ao dinheiro pertencente ao pagamento dos sub sidios dos Emigrados, isto hé, convinha ao bom andamento da causa applicar este dinheiro aos objectos de maior urgencia, como especificaremos no competente artigo—da administraçaõ dos fundos, &a. —e naõ sendo possivel deixar os Emigrados por mais tempo totalmente sem recursos, por isso que os seus clamores e as suas queixas cresciaõ de dia para dia, sem atten

derem ás razões e desculpas, que se lhes davaõ em South Audley Street, desculpas que elles tinhaõ por outros tantos enganos, pois que sempre houve mais, ou menos dinheiro, e nunca faltou a essa gente por cujas maõs passava, aponto do humano Guerreiro receber cento e sessenta e seis Libras e tantos shillings mensalmente, ao passo que os seus compatriotas se

achavaõ lutando entre a fome e a morte!* authorisou o mesmo

* Agora se vê o motivo por que o Sr. Guerreiro era de opiniaõ, que hum Emigrado podia passar com hum Shilling diario! Que egoista! Que monstro com figura humana, para descredito da nossa especie! Em quanto os nossos infelices compatriotas estavaó sendo soccorridos pelo estabelecimento da caridade de Plymouth, e em Bruges reccorriaõ a esmolas, para naõ perecerem á fome, recebia o Sr. Guerreiro 166 Libras e tantos Shillings mensaes, e era de parecer que hum Emigrado podia passar com hum Shilling diario! Que idêas de justiça e de moral! E haverá ainda alguem que leve a mal a publicaçaõ das atrocidades déste, e d'outros reconhecidos inimigos do genero humano, que tanto tem concorrido para a desgraça da nossa infeliz Patria? Haverá, por que infelizmente o numero dos egºs? e apaniguados do despotismo, hé grande entre nós. Se há patriota, que ainda conserva em Londres o despacho, ou nomeaçaõ da Junta do Porto! Tal hé o amor ao lugar, e o liberalismo de muitos! Mas voltando ao Sr. Guerreiro, saiba-se mais este caso. Certo Emi grado Portuguez (o Sr. A. C. de F.) que tem em Londres sua mulher e sete filhos, queixou-se hum dia ao Sr. Guerreiro (que se mostrava seu amigo) expondo-lhe a tristissima situaçaõ a que o reduzia a falta de pagamento dos subsidios. O infeliz concluio dizendo, que muitas

vezes pensava em matar-se. O Sr. Guerreiro respondeo estas memo

S

M. de Palmella a commissaõ dos subsidios, para facilitar re cibos impressos aos Emigrados, afim de obterem com estes breves da marca a importancia dos mezes vencidos d'aquellas pessoas, que quizessem fazer-lhes esse obsequio, ficando estas com os ditos recibos em seu poder como hum titulo (miseravel titulo) para receber da dita commissaõ os mezes, que se pa gassem; e com efeito huma grande parte dos Emigrados existentes em Londres, em Plymouth, em França e nos Paizes Baixos, encontráraõ quem lhes adiantasse tres, quatro e seis mezes entre os negociantes Portuguezes estabelecidos em Londres e outras pessoas; e por este modo conseguio o M. de Palmella callar por algum tempo os Emigrados com o di nheiro, que íaõ obtendo por meio de taes recibos, facilitados

como dissemos, pela commissaõ dos subsidios.

Esgotado porém este recurso de obter dinheiro por meio dos mencionados recibos, pois que as pessoas que adiantáraõ algumas sommas aos Emigrados, vendo a demora do paga

mento dos mezes vencidos, começavaõ a escusar-se, e conse

raveis palavras ao desgraçado, que esperava achar nelle todo o con forto.—“Pois se vossê quer matar-se, eu lhe indico o meio mais suave. Vá para casa, mande vir huma pouca d’agoa quente, meta o pé dentro, abra huma veia e deixe correr o sangue á vontade.” O Nero Portuguez recordou-se neste momento do premio que o Nero romano deo a Seneca, seu mestre! Mas o Nero portuguez será desmascarado no capitulo que lhe diz respeito, para ter o devido pre

mio logo que a occasiaõ o permitta.

quentemente começavaõ de novo os clamores e os queixumes dos mesmos Emigrados; achou o M. de Palmella, que neste caso era necessario accommodar de alguma forma os Emigra dos e dár huma liçaõ ás pessoas, que se naõ achavaõ dispostas a aceitar mais recibos; e que hade fazer? Confiado na impu nidade, deixa cahir de todo a mascara, e organisa huma Ta bella, que tira todas as esperanças aos possuidores dos recibos de receber o seu dinheiro, ao passo que dá todas aos Emigra dos de morrer á fome! Tira todas as esperanças aos possui dores dos recibos de receber o seu dinheiro, por que manda que aos Emigrados se pague o novo subsidio arbitrado de Março do corrente anno em diante, se bem que no oficio diri gido á commissaõ dos subsidios, e que accompanhou a sobre dita Tabella se diz, quanto aos atrazados—"Que estes seraõ pagos quando as circunstancias o permittirem"—que hé o mesmo que dizer-Consolem-se com os possuidores das Letras. E dá todas aos Emigrados de morrer á fome, por que o mari mum estipulado saõ duas Libras e 10 shillings, e o minimum 25 shillings;" quantia com que naõ podem viver, ainda quando se pague, nem mesmo nos Paizes Baixos, onde tudo

hé barato, e se passa commodamente: dizemos quando se

* Aqui refinou a perversidade do Sr. Guerreiro, que dizem ser o author desta Tabella, arrastando o M. de Palmella a sanccionar huma medida taõ deshumana, como impolitica. Todavia o M. de Palmella hé o primeiro sobre quem deve recahir a censura, até por se deixar dominar por hum rabula de sobejo conhecido. Digno collega dos

Trigosos, dos Bastos, e dos Almeidas.

pague, por que o fim d'esta gente, mais claro que a luz do dia, hé espaçar para naõ pagar a ninguem, e dár diferente destino (já se sabe a bem da causa) aos dinheiros que tem obtido das transações dolosas e fraudulentas, que saõ hoje de sobejo publicas e notorias; e dos dividendos pertencentes ao emprestimo de Portugal, que taõ inconsideradamente foraõ

postos á disposiçaõ de hum só homem.

Appareceraõ logo a pár das queixas dos Emigrados os gritos das pessoas, que lhes tinhaõ adiantado o seu dinheiro na boa fé e por hum acto de generosidade: fecháraõ-se as portas que ainda restavaõ aos nossos compatriotas, e convenceraõ-se

os seus bemfeitores do engano em que tinhaõ cahido!"

Resta dizer que esta Tabella, que appareceo assignada pelo M. de Palmella, e que só depois da sua sahida de Londres, hé que foi expedida á commissaõ dos subsidios e se fez publica, veio desenganar aquelles, que ainda se achavaõ illudidos,

quanto á bondade do governo désta gente e suas consequen

* O Sr. Henrique Joze da Silva, negociante da Praça de Londres, assás conhecido pela sua philantropia, e que há mezes partio para a capital do vasto e rico Imperio, a fim de obrigar o Marquez de Barba cena a cumprir o contracto que fez com elle em Portsmouth; tendo em seu poder os recibos de hum Emigrado a quem por obsequio tinha adiantado trinta Libras, taes occurrencias tiveraõ lugar nesta occasiaõ, que o nosso infeliz compatriota teve de bater a algumas portas para

a promptar as trinta Libras com que resgatou immediatamente os

seus recibos.

cias; achando-se hoje quasi todos convencidos que nada bom tem a esperar de homens, que, pisando aos pés sem pudor e sem remorsos tudo quanto há de mais sagrado sobre a terra se tem tornado, sem contestaçaõ, despotas e tyranos. E se na desgraça elles se conduzem deste modo, que acontecerá no auge do poder? Que terror naõ causa já só essa lembrança! Quem poderá jámais confiar-se da constitucionalidade d'esses egoistas, que por nossa desgraça ainda se achaõ átesta dos negocios dos Emigrados Portuguezes? Ninguem, por certo, a naõ querer correr todo o risco e a ser testemunha na sua Patria da infracçaõ, naõ da Carta Constitucional, que para elles nunca existio, nem existirá, mas de todos os principios

de honra e de justiça."

* Hum grande crime se acaba de commetter na Ilha Terceira! Ainda naõ estaó cicatrizadas as feridas que abrio em nossa Patria o ex-ministro dos negocios estrangeiros D. Francisco de Almeida; nin guem riscou ainda da idêa as suas perfidias, as suas traições, as suas baixezas, a sua indigna e infame conducta; ainda naó estaó emfim esquecidos os seus crimes; hé este homem nomeado para ministro em Paris pela regencia da Ilha Terceira! Chamamos-lhe regencia da Ilha Terceira, e nisso lhe fazemos ainda muita honra, por que huma regencia que se atreve, com ofensa de tudo quanto há de mais sagrado no mundo, a empregar D. Francisco de Almeida, naõ hé regencia, naõ hé nada. Hé huma reuniaõ de mandoens, que nos daõ a conhe cer, que essa enfermidade moral, ou aversaõ ao imperio da justiça, da razaó e das leis, hé já nelles incuravel. Esperamos comtudo em Deos,

que este grande crime será punido no mesmo lugar aonde foi commet

Temos ainda a notar que a final mandou-se suspender a nova Tabella para se naõ pagar por nenhuma! Houve ape nas hum pret de quinze dias, depois de hum atrazo de dez

mezes !

N. B. Advirta-se que este artigo, excepto as notas, foi escripto no mez de Abril, e que de Junho para cá já se tem pago dois mezes pela Tabella antiga, pois que a nova ficou de nenhum efeito! Em fim tomem-se as nossas Noções como

escriptas em 20 de Maio de 1830.

tido; ou pelo menos que ahi expire o mando d'esses homens, que juráraó odio etermo á liberdade e independencia dos seus concida daós. Lembrem-se esses senhores da Ilha Terceira que toda a administra traçaõ publica, em que naõ há probidade, boa fé e rectidaó, naõ póde contar muito tempo com a paciencia humana: e lembrem-se igualmente, e com elles, os dilapidadores, os validos, os cortezaós e muitos outros animaes desta especie, que o liberalismo naõ está em dizer-se-eu sou Liberal—está nas acções e na conducta publica do

homem, pela qual hade ser julgado.

Impresso por Bagster e Thoms, 14, Bartholomew Close.

NO TEXT ON PAGE

This page does not contain any text recoverable by the OCR engine.

NO TEXT ON PAGE

This page does not contain any text recoverable by the OCR engine.

l This book should be returned to the Library on or before the last date stamped below. A fine is incurred by retaining it beyond the specified time. Please return promptly.

—

-

-

[...; 27 bo H

\ºvak tº

:

*

|-

|

3 2044 080 489 073

ria

· · , … . , 3 |-

isto

dener Library

Nocoes particulares para a h

SA 5890.6

\\